

STUDIA IBERYSTYCZNE

**Portugalia, Brazylia, Afryka
Wokół Vergílio Ferreiry**

*** * ***

**Portugal, Brasil, África
Em torno de Vergílio Ferreira**

STUDIA IBERYSTYCZNE

nr 9

Redakcja pisma „Studia Iberystyczne”

Anna Sawicka (redaktor naczelny i sekcja katalońska)

Maria Filipowicz-Rudek (sekcja galicyjska)

Anna Rzepka (sekcja portugalska)

Ewa Nawrocka (sekcja iberoamerykańska)

Rosanna Krzyszkowska-Pawlik (sekretarz redakcji)

Rada naukowa / Comité Científico

Beata Baczyńska, Uniwersytet Wrocławski (Polska/Polonia)

Marek Baran, Uniwersytet Łódzki (Polska/Polonia)

Jerzy Brzozowski, Uniwersytet Jagielloński (Polska/Polonia)

Arturo Casas, Universidad de Santiago de Compostela (Hiszpania/España)

Ubaldo Cerezo Rubio, Universidad de Alcalá (Hiszpania/España)

Juan de Dios Luque Durán, Universidad de Granada (Hiszpania/España)

Silvia Kaul, Universidad Nacional de Rio Cuarto (Argentyna/Argentina)

Margarita Llitas, Universidad de Valladolid (Hiszpania/España)

Gilles Luquet, Université Paris III, La Sorbonne Nouvelle (Francja/Francia)

Wacław Nowikow, Uniwersytet Łódzki (Polska/Polonia)

Antonio Pamies Bertran, Universidad de Granada (Hiszpania/España)

Janusz Pawlik, Uniwersytet im. A. Mickiewicza w Poznaniu (Polska/Polonia)

Ramon Pinyol, Universitat de Vic (Hiszpania/España)

Bogdan Piotrowski, Universidad de la Sabana (Kolumbia/Colombia)

Klaus Pörtl, Johannes Gutenberg Universität Mainz (Niemcy/Alemania)

Emilio Ridruejo, Universidad de Valladolid (Hiszpania/España)

Elżbieta Skłodowska, Washington University in Saint Louis (USA/EE.UU.)

Francisco Torres Monreal, Universidad de Murcia (Hiszpania/España)

Alejandro Veiga, Universidad de Santiago de Compostela (Hiszpania/España)

Joan Ramon Veny Mesquida, Universitat de Lleida (Hiszpania/España)

Joanna Wilk-Racięska, Uniwersytet Śląski (Polska/Polonia)

PORTUGALIA, BRAZYLIA, AFRYKA

Wokół Vergílio Ferreiry

*** * ***

PORTUGAL, BRASIL, ÁFRICA

Em torno de Vergílio Ferreira

Pod redakcją:
ANNY RZEPKI
NATALII CZOPEK



Księgarnia Akademicka
Kraków 2010

Copyright by Instytut Filologii Romańskiej Uniwersytetu Jagiellońskiego

Recenzenci:

prof. dr Regina Przybycień, Universidade Federal do Paraná, Brazylia
dr hab. Jerzy Brzozowski, prof. UJ

Konsultacja językowa: Ana Wąs-Martins

Korekta: Joanna Milek

Skład i łamanie: Małgorzata Manterys-Rachwał

Projekt okładki: Igor Stanisławski

Publikacja dofinansowana przez
Wydział Filologiczny Uniwersytetu Jagiellońskiego
oraz Instytut Camõesa w Lizbonie

A publicação co-financiada pela Faculdade de Letras
da Universidade Jagellónica e o Instituto Camões em Lisboa



ISSN 2082-8594

KSIĘGARNIA AKADEMICKA

ul. św. Anny 6, 31-008 Kraków
tel./faks: 012 431-27-43, 012 663-11-67
e-mail: akademicka@akademicka.pl

Księgarnia internetowa:
www.akademicka.pl

ÍNDICE

Od redakcji.....	7
Nota da redação.....	9

LINGUÍSTICA

Henrique Barroso: O <i>progressivo</i> no português europeu de hoje: expressão, combinatória e variação.....	13
Natalia Czopek: Algumas observações sobre o futuro do conjuntivo português e <i>futuro de subjuntivo</i> espanhol.....	35
Przemysław Dębowiak: As cores nos nomes de lugares habitados em Portugal	49
Denise Gomes Dias: Sobre artes, ofícios e linguagem: notas sobre uma abordagem etnolinguística.....	65
Barbara Hlibowicka-Węglarz: Para compreender a situação linguística em Moçambique	77
Edyta Jabłonka: Tempos futuros na língua portuguesa e os seus equivalentes em polaco	87
Justyna Wiśniewska: Os equivalentes polacos da perífrase verbal <i>estar+a+infinitivo</i>	101

LITERATURA

Mário J. Aires dos Reis: O tópico do <i>tempus fugit</i> em <i>Em Nome da Terra</i> de Vergílio Ferreira.....	115
Isabel Araújo Branco: A animalidade do homem em contos de Miguel Torga	127
Fabiane Renata Borsato: Morte na antilírica de João Cabral de Melo Neto.....	141

Robson Coelho Tinoco: Poesia brasileira (ex-cêntrica): marcas de um neorromantismo contemporâneo.....	155
Regina Dalcastagnè: A cor de uma ausência: representações do negro na narrativa brasileira contemporânea	169
Renata Díaz-Szmidt: O universo feminino na poesia das mulheres angolanas no início do século XXI	185
Anna Kalewska: Vergílio Ferreira, Camões, Platon i inni, czyli o odzyskiwaniu utraconych znaczeń w kulturze nowożytnej Europy	201
Violante F. Magalhães: Uma leitura de <i>Vagão 'J'</i>	221
Ana Bela Moraes: Amor e violência na obra de Vergílio Ferreira	233
Jerusa Pires Ferreira: Fernando Pessoa e os Santos Populares	245
João Ribereite: Jogar a vida com a morte em <i>A Noite e o Riso</i> de Nuno Bragança, <i>Alegria Breve</i> de Vergílio Ferreira e <i>O Sétimo Selo</i> de Ingmar Bergman	251
Monika Świda: Fernando Pessoa e o saudosismo de Teixeira de Pascoaes.....	265
Anna Wolny: Passando pelas portas entreabertas – Jorge Barbosa: <i>Carta para Manuel Bandeira</i>	291

VARIA

Marcos Nunes de Vilhena: <i>Portugalczyk Osculati</i> – fazer um português ou <i>fazer de português</i> na Polónia?	307
Jolanta Rękawek: Mais perto do samba do que da valsa: Glauber Rocha e o Cinema Novo.....	327

Barbara Hlibowicka-Węglarz
Uniwersytet Marii Curie-Skłodowskiej

Para compreender a situação linguística em Moçambique

Resumo:

O objectivo do presente artigo é apresentar a situação linguística em Moçambique. Neste país africano com quase 20 milhões de habitantes, a língua portuguesa, falada apenas por 25% da população, funciona como língua oficial. A esmagadora maioria da população tem como língua materna uma das 23 línguas africanas do grupo Bantu. A língua inglesa, a principal língua estrangeira do país, assume o papel muito importante como língua de grande prestígio no mundo inteiro. Entre as línguas estrangeiras faladas em Moçambique é preciso enumerar também certas línguas de origem asiática que vêm da Índia e vizinhanças.

No artigo pretendemos demonstrar também que a diversidade linguística em Moçambique resulta por um lado de factores históricos e por outro de factores sócio-étnicos, geográficos e regionais.

Palavras-chave: língua materna, língua autóctone, língua pós-colonial, Português.

Abstract:**To understand the linguistic situation in Mozambique**

The aim of this article is to present the linguistic situation in Mozambique. In this African country, with population of about 20 millions, post-colonial Portuguese is the official language, even though it is spoken by only 25% of its inhabitants.

The majority of people speak as their mother tongue one of 23 African languages belonging to the Bantu group. Other languages spoken in the country include English, which plays an increasingly important role in the society, as well as several languages of Asian origin spoken by some minority groups. In this article, we aim to demonstrate that the linguistic diversity of Mozambique is a consequence of variety of languages spoken in Mozambique and of different historical as well as social, ethnic and regional factors. We also show that the coexistence of Portuguese with the autochthon languages is possible when it refers to different spheres of life.

Keywords: mother tongue, autochthon language, post-colonial language, Portuguese.

1. O presente trabalho tem como objectivo analisar a situação linguística que caracteriza Moçambique, um país africano com quase 20 milhões de habitantes¹ em que a língua portuguesa funciona como língua oficial. Embora o Português, língua pós-colonial, seja língua oficial do país, existe uma enorme diversidade de idiomas autóctones, línguas africanas, que para a maior parte dos Moçambicanos constituem a língua materna, sendo mais utilizadas na comunicação diária. Nos últimos anos, o uso do Inglês cresceu consideravelmente e tornou a língua inglesa a principal língua estrangeira de contacto com o mundo. Analisando a grande diversidade linguística de Moçambique não podemos esquecer também outras línguas estrangeiras faladas em Moçambique, línguas de origem asiática.

Neste contexto, o presente estudo pretende dar a compreender as complexidades envolvidas na caracterização dos problemas linguísticos em Moçambique em que a diversidade linguística resulta por um

¹ Segundo os dados de 2005 Moçambique tem 19 792 000 habitantes.

lado de factores históricos e por outro de factores sócio-étnicos e geográficos regionais. É evidente que todas as línguas acima mencionadas além das suas histórias, têm também os seus usos específicos e diferente implantação social. Por isso, achamos interessante evidenciar a diversidade das línguas faladas neste país, assim como identificar com mais detalhe as funções históricas associadas a todas elas: às línguas autóctones, à língua ex-colonial, assim como às outras línguas estrangeiras. Um outro aspecto sobre o qual parece importante chamar a atenção é a análise das funções sociais que estão associadas às línguas citadas. Através desta análise procuramos compreender a natureza das condições sociais que permitem manter a situação linguística num país multilingue africano como Moçambique.

O estudo baseia-se nos materiais recentes sobre a situação linguística em Moçambique: entre os outros, nos trabalhos da linguísta moçambicana Perpétua Gonçalves (1997, 2005), mas principalmente na obra do linguísta moçambicano Gregório Firmino, publicada em 2006 em Maputo, intitulada *A “Questão Linguística” na África Pós-Colonial. O Caso do Português e das Línguas Autóctones em Moçambique*.

2. Gregório Firmino (2006) propõe dividir as línguas faladas em Moçambique em dois grupos: o grupo das línguas autóctones e o grupo das línguas de origem estrangeira. O grupo das línguas autóctones inclui diferentes línguas africanas faladas neste país. Na obra do autor mencionado o Português está no segundo grupo, junto com o Inglês e as línguas minoritárias de origem asiática.

É interessante notar que o Português é falado apenas por um total de 24,4 % da população moçambicana (como primeira ou como segunda língua) e que Moçambique continua a ser um país onde quase três quartos da população têm como língua materna línguas de origem africana.

2.1. Todas as línguas autóctones moçambicanas pertencem à família das línguas Bantu². Segundo o relatório do Censo

² As línguas Bantu formam um ramo do grupo benue-congolês da família linguística nígero-congolesa, com mais de 600 línguas. São faladas sobretudo nos países africanos a sul do Equador por cerca de 300 milhões de pessoas.

de 1980³, um dos levantamentos sobre a diversidade linguística em Moçambique, há 23 línguas que constituem a língua materna para a maioria dos moçambicanos⁴. As línguas com mais falantes no território do país são as seguintes: Macua (27,7 %), Tsonga (12,4 %), Sena (9,3%), Lomwe (7,8 %), Shona (6,5 %), Tswa (5,9 %), Chuabo (5,7 %), Ronga (3,6 %), Marendje (3,4 %), Nyanja (3,3 %), Chope (2,8%), Nyungwe (2,2 %), Maconde (1,9 %), Bitonga (1,9 %), Yao (1,6 %).

Os dados acima apresentados mostram a percentagem dos falantes das principais línguas em Moçambique, línguas que constituem o meio básico de comunicação para a maioria dos cidadãos. Nas informações do Censo lemos também que 98,8 % da população se identifica com uma das línguas citadas que considera língua materna. Isto quer dizer também que apenas 1,2 % da população moçambicana considera o Português como língua materna. Ao mesmo tempo, naquela altura 75,6 % da população afirmou ser falante exclusivo de, pelo menos, uma destas línguas, sem conhecer o Português, assim como 23,2% da população afirmou ser bilingues, falantes de uma língua autóctone e do Português.

É interessante reparar que quando o Moçambicano conhece mais do que uma língua autóctone, este facto pode sugerir que ele emigrou de uma zona para a outra zona em que a língua dominante é outra que na sua zona de origem, ou que vive em zonas onde predomina mais que uma língua, ou está em contacto profissional com pessoas de língua diferente da sua. Estes dados dão a compreender que os falantes das línguas autóctones estão distribuídos regionalmente, e,

³ Um dos mais antigos inventários das línguas faladas em Moçambique é encontrado em Guthrie (1967-71). Este inventário fornece uma classificação das línguas por zonas linguísticas e geográficas. Os dados mais recentes que se referem às relações interlinguísticas e à variação intralinguística encontram-se em Neli-mo (1989-1998).

⁴ Swahili, Mwani (Kimwani), Yao (Ciyao), Maconde (Shimakonde), Macua (Emakhuwa), Lomwe (Elomwe), Ngulu, Koti, Marendje, Chuabo (Echuwabo), Nyanja (Cinyanja), Kunda, Nsenga, Nyungwe (Cinyungwe), Sena (Cisena), Shona (Cishona), Tswa (Xitshwa), Tsonga (Xitsonga, Xichangana), Ronga (Xironga), Chope (Cicopi), Bitonga (Gitonga), Zulu, Swazi, Phimbi.

ao contrário, que cada região pode ser caracterizada pelo uso de uma ou mais línguas autóctones.

Na sua obra Gregório Firmino apresenta numerosos gráficos que fornecem as percentagens de falantes nativos de cada língua autóctone em cada província, distrito ou cidade, sublinhando assim, a sua distribuição regional⁵.

De um modo geral, a língua autóctone falada por um Moçambicano identifica o grupo étnico a que ele pertence e também a zona de que ele provem. É o maior indicador da sua origem étnica. É usada na comunicação entre pessoas da mesma origem étnica: entre membros da família e parentes, isto é, nos “domínios baixos”, assim como em algumas interacções sociais como: actividades religiosas, transmissões radiofónicas e televisivas, campanhas de alfabetização ou de mobilização política, isto é nos “domínios altos” (Firmino, 2006: 65). As línguas étnicas são usadas nas actividades religiosas particularmente nas igrejas protestantes, nas quais as pessoas estão ligadas umas às outras não só pela fé religiosa mas também pela afiliação étnica. Certas emissoras de rádio em Moçambique oferecem programas em algumas línguas autóctones. No que se refere a programas de televisão, vale a pena notar que os programas em línguas autóctones são relativamente muito raros. As línguas locais são usadas também como meio de ensino de diferentes grupos étnicos: em aulas de alfabetização para mulheres, em aulas experimentais do ensino primário para crianças, etc. No que se refere à política, os políticos usam as línguas locais como uma estratégia para ganhar potenciais eleitores que não falam Português e para construir ligações entre um determinado político e as massas. No entanto, embora não se possa negar que as campanhas eleitorais mostram uma certa importância das línguas autóctones, não se pode esquecer que no domínio da política é o Português que joga um papel principal.

⁵ Por exemplo o Macua, língua com maior número de falantes nativos em Moçambique é dominante apenas no norte do país, nas províncias de Nampula, Cabo Delgado e Niassa.

Resumindo, podemos constatar que as línguas autóctones marcam sobretudo as relações de etnicidade, ao mesmo tempo, identificam a região do país de onde provêm. Neste contexto, às vezes são conhecidas no discurso oficial como “tribalismo ou regionalismo” (Firmino, 2006: 81), isto é, línguas que não favorecem a unidade nacional.

2.2. O Português, geralmente falado como língua-segunda em Moçambique, era sempre a língua do poder dominante, um dos mais importantes instrumentos da política promovida pelas autoridades portuguesas. Como diz Perpétua Gonçalves „foi primeiro a língua do colonizador, e depois da independência, foi a língua escolhida pelo grupo que tomou o poder central” (Gonçalves, 1997: 16).

Quanto à história da língua portuguesa em Moçambique, Perpétua Gonçalves (1997) propõe dividi-la em três fases: a primeira, chamada “fase preparatória” entre 1498 e 1918; a segunda, chamada “fase de implantação”, entre 1918 e 1975; e a terceira, chamada “fase de consolidação” que começa em 1975. A primeira fase mencionada tem início em 1498, data que marca a chegada de Vasco da Gama a Moçambique. Como os portugueses estiveram sempre muito mais voltados para o Brasil do que para a África, a ocupação militar e a gestão política em Moçambique estavam reduzidas ao mínimo, sobretudo no início da colonização. Até meados do século XVIII a administração deste território era feita a partir da Índia, e não directamente a partir de Portugal, o que influiu também na política desta potência colonial. A presença portuguesa só começou a fazer-se sentir efectivamente a partir de 1918, data que marcou o fim das campanhas militares de ocupação sistemática do país. Foi neste período que se iniciou o processo de colonização massiva desta região africana. Foi também neste período que o governo português começou a preocupar-se em lançar um sistema de educação mais sólido⁶ com a criação do ensino universitário, publicação de novos manuais escolares, etc.

⁶ Em 1890 havia uma única escola primária em todo o país, em 1915 havia sessenta e oito escolas, na maior parte dos casos dirigidas por missões católicas (Gonçalves, 1997: 29).

A partir da independência (1975) o português torna-se a língua da unidade nacional, “símbolo de identidade cultural portuguesa” (Firmino, 2006: 69). A política do país independente estabeleceu o Português não só como língua oficial que parecia oferecer mais garantias como língua de unidade social, mas também como única língua de ensino oficial, da alfabetização, e comunicação pública. A política educacional, com as suas estratégias e os seus métodos de ensino, teve como consequência o alargamento da comunidade de falantes do Português, e deu formação a uma elite escolarizada, principalmente funcionários públicos. É interessante mencionar que durante vinte anos aproximadamente o conhecimento do Português pela população moçambicana passou de cerca de 10 % em 1975 para quase 40 % em 1997.

O uso do Português como o único meio de ensino garantia que só os que dominassem esta língua podiam ter a oportunidade de ascender na sociedade. Assim, a língua portuguesa tornou-se uma língua de prestígio, uma língua de acesso aos postos importantes. Infelizmente para a esmagadora maioria dos moçambicanos o acesso à educação era quase impossível devido a taxas de inscrição muito altas, falta de escolas sobretudo nas zonas rurais, restrições etárias, etc. (Firmino, 2006). De acordo com os dados de Isaacman & Isaacman, por volta de 1960, apenas 400 000 crianças de um universo de 3 milhões da população em idade escolar frequentavam a escola; mais de 90% destas estavam inscritas nas três primeiras classes e apenas 1% frequentava o liceu (Isaacmann, Isaacman apud Firmino, 2006).

Neste contexto, actualmente não estranha que do total de pessoas que falam Português em Moçambique 72 % vivem em meios urbanos, facto que resulta de razões económico-sociais. Enquanto nas cidades o conhecimento da língua portuguesa constitui uma condição para o acesso ao emprego, no campo, onde não é indispensável à sobrevivência económica da população rural, o Português é usado em situações muito restritas.

Por seu lado, os dados põem em evidência que a língua portuguesa é conhecida, de um modo geral, pela geração mais jovem, entre os 7 anos e os 39 anos, isto é, pelas pessoas que aprendiam o Português na escola.

Recentemente, o Português, tem mantido o estatuto da língua mais prestigiada e mais desejada, devido ao seu uso em todas as actividades oficiais, em contactos informais, sobretudo pelas elites urbanas, assim como devido às compensações sociais e económicas a ela associadas. Como diz P. Gonçalves (1997: 15):

Falar Português hoje em Moçambique significa que se pertence a uma minoria que teve acesso à escola (25%) e que habita nos centros urbanos (17%). Tendo em conta a situação de guerra e de seca que domina no campo, esta minoria pode ser considerada uma camada privilegiada: não somente não está sob a acção directa da guerra e da seca, visto que habita na cidade, mas ela tem também mais meios de encontrar um emprego visto que tem mais instrução.

Vale a pena acrescentar que inicialmente o Português se institucionalizou como uma língua dos “domínios altos”, mas com o tempo penetrou também os “domínios baixos”, particularmente nas zonas urbanas em conversas informais, em casa entre familiares, e em muitas actividades quotidianas.

2.3. No panorama linguístico moçambicano o Inglês assume um papel muito importante por várias razões. Em primeiro lugar, é uma língua de grande prestígio no mundo inteiro que permite numerosos contactos internacionais não só com países falantes de Inglês. A língua inglesa em Moçambique, aprendida no ensino secundário e nas escolas especializadas de línguas, tornou-se uma verdadeira “mercadoria social” (Firmino, 2006: 72), desejada por todos que sonham em postos de trabalho nas organizações estrangeiras e outros empregos bem remunerados.

Mais do que isso, não podemos esquecer que Moçambique está rodeado por países falantes de Inglês. Os diferentes tipos de contactos com os países vizinhos exigem o conhecimento da língua inglesa, instrumento indispensável tanto para os trabalhadores emigrantes que trabalham sobretudo na África do Sul, como para todos para facilitar contactos regionais na África Austral.

Assim, podemos concluir que o Inglês, considerado a principal língua estrangeira do país, é usado sobretudo em ambientes profis-

sionais, nos “domínios altos”, e não é usado nos “domínios baixos”, em casa entre os familiares.

Actualmente, o interesse na aprendizagem da língua inglesa é tão grande que alguns políticos consideram que “a posição do Português em Moçambique está a ser ameaçada” (Firmino, 2006: 72).

2.4. Entre as línguas estrangeiras faladas em Moçambique é preciso enumerar também as línguas de origem asiática, sobretudo tais como Hindi, Gujerat e Urdu, línguas que vêm da Índia e vizinhanças. Os falantes destas línguas vivem em comunidades que preservam os seus costumes tradicionais, mantêm a sua religião, sem entrar na sociedade moçambicana. É por isso que o uso destas línguas pelos falantes cuja ocupação principal são os negócios, se restringe a “domínios” muito específicos.

3. A análise da situação linguística em Moçambique põe em evidência a coexistência das línguas autóctones e duma língua pós-colonial que é o Português que parece não ser incompatível. A referida coexistência que tem a sua explicação na história, é possível devido ao facto de as línguas em questão cumprirem funções sociais muito diferentes.

As línguas autóctones em Moçambique caracterizam diferentes regiões do país e diferentes grupos étnicos em todas as zonas do país, permanecem como fortes recursos linguísticos, instrumentos fundamentais na identificação étnica.

A distribuição das línguas autóctones tem principalmente como base um critério geográfico, enquanto os falantes do Português agrupam-se seguindo apenas um critério social.

A língua portuguesa, língua oficial e símbolo da unidade nacional, funciona como língua institucional, língua da instrução em todas as escolas em Moçambique. Os falantes do Português são encontrados em todas as regiões do país, sobretudo nos grandes centros urbanos entre a elite escolarizada. Para muitas pessoas que vivem na cidade o Português tornou-se a principal língua de todas as actividades quotidianas.

Como se vê, a diversidade linguística em Moçambique “não prejudica o processo de formação de uma nova nação, uma vez que

os sistemas políticos, económicos e sociais podem acomodar os interesses dos diferentes grupos sociais” (Firmino, 2006: 18).

Bibliografia

- CABRAL, António Carlos Pereira, (1975), *Empréstimos linguísticos nas línguas moçambicanas*, Lourenço Marques, Empresa Moderna.
- DIAS, Hildizina Norberto (org.), CRUZ, Paula, GOMANE, Orlanda, MACALANE, Geraldo, SANTOS, Elda, MAVALE, Cecília Dequene, BAHULE, Orlando, JUNIOR, Ernesto, (2009), *Português Moçambicano. Estudos e reflexões*, Maputo, Livraria Universitária, Universidade Eduardo Mondlane.
- FIRMINO, Gregório, (2006), *A Questão Linguística na África Pós-Colonial. O caso do Português e das Línguas Autóctones em Moçambique*, Maputo, Texto Editores.
- GONÇALVES, Perpétua, (1996), *Português em Moçambique: Uma variedade em formação*, Maputo, Faculdade de Letras, Livraria Universitária.
- GONÇALVES, Perpétua, (2005), “A formação de variedades africanas do português: argumentos para uma abordagem multidimensional”, em: Fundação Gulbenkian (ed.), *A Língua Portuguesa: Presente e Futuro*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, pp. 227-242.
- LOPES, Armando Jorge, SITO, Salvador Júlio, NHAMUENDE, Paulino, José, (2002), *Moçambicanismos. Para um Léxico de Usos do Português Moambicano*, Maputo, Livraria Universitária, Universidade Eduardo Mondlane.